

A memória da Copa de 70

*Felipe Rodrigues da Costa**

*Wagner dos Santos***

Resumo: Trata-se da resenha do livro *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Trabalhando conceitos de memória e identidade na construção do futebol nacional, o estudo teve como foco as narrativas produzidas pela imprensa nacional, jornais *O Globo* e *Jornal do Brasil*, durante as Copas de 1998 e 2002, relacionadas com a conquista da Copa do Mundo de 1970, além de entrevistas com Lamartine Pereira da Costa, Mario Jorge Lobo Zagallo, Gérson de Oliveira Nunes e Carlos Alberto Parreira, sujeitos que vivenciaram a conquista do tricampeonato.

Palavras-chave: Futebol. Memória. Identidade. Copa do Mundo de 1970.

1 INTRODUÇÃO

O estudo realizado por Marco Antonio Santoro Salvador e Antonio Jorge Gonçalves Soares, intitulado *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*, aborda os discursos identitários construídos, tendo como problematização a imagem da Seleção Brasileira de futebol masculino.

Os autores trabalham a função da memória no futebol e sua relação com a construção da identidade nacional, assumindo como objeto as representações da Copa de 1970 e suas implicações na consolidação da identidade futebolística brasileira. Para tanto, utilizam as narrativas¹ produzidas pela imprensa jornalística, comissão

* Membro-pesquisador do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física – PROTEORIA/UFES; mestre em Educação Física, PPGEF-UFES; doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação Física – Universidade Gama Filho. E-mail: fcostavix@gmail.com

** Membro-pesquisador do Instituto de Pesquisa em Educação e Educação Física – PROTEORIA/UFES; Doutor em Educação; Professor do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: wagner@proteoria.org

¹ Os autores, na atualização da vitória da Copa de 1970, utilizam-se dos meios jornalísticos nas edições do *Jornal do Brasil* e *O Globo*, além de consultas a revistas da época, e também entrevistas com integrantes da comissão técnica e dos jogadores da seleção de 1970.

técnica e jogadores sobre a Copa de 1970, cruzando-as com as narrativas que circulavam na mídia brasileira no momento da disputa das Copas de 1998 e 2002.

Com base na leitura da obra, observamos que parte da imprensa jornalística brasileira tem produzido uma memória com o intuito de legitimar um discurso que fortalece a representação da identidade brasileira associando-a ao “futebol-arte”. Nesse caso, Marcos Salvador e Antonio Jorge Soares demonstram que a produção das narrativas jornalísticas das Copas de 1998 e 2002 se apropria do passado, efetuando silenciamentos, como no caso da preparação física da Seleção de 1970, para, no presente, forjar os discursos identitários que representam a memória do futebol brasileiro. Ao operar com a temática em destaque, os autores, em nossa leitura, estabelecem um criterioso trabalho de fontes que se fundamenta em uma análise que busca ler, à maneira de Ginzburg (2002, p. 43), “[...] os testemunhos às avessas, contra as intenções de quem os produziu”.

Os pesquisadores destacam o discurso rememorado da vitória brasileira na Copa do Mundo de 1970 trata a Seleção Nacional de Futebol como um exemplo de futebol bem jogado, técnico e habilidoso – o “futebol-arte”. A imprensa, ao veicular informações sobre a conquista do tricampeonato e relacioná-la com eventos do presente, sugere que esse título foi alcançado em função das características inatas dos jogadores brasileiros. Com isso, conforme demonstram os autores, a preparação da equipe, estruturada e planejada a partir dos conhecimentos científicos, perde valor para o “futebol-arte”.

2 A OBRA

Ao abordar a *Memória social e identidade*, Marcos Salvador e Antonio Jorge Soares apresentam brevemente os pressupostos teórico-metodológicos do estudo. O debate produzido pelos autores mostra como a memória se torna um espaço contestado, havendo conflitos entre o discurso do presente e o discurso veiculado no passado. Na atualização e edição da memória, esses discursos surgem de forma conflitante, pois os interesses específicos que se

encontram na busca de significação de uma versão mais adequada sobre o passado se sobrepõem. Os autores observam um processo de seleção das imagens do passado e, por consequência, o que será preservado no presente e no futuro, ou seja, ao longo da história. Essa leitura nos remete às reflexões de Bloch (2001, p. 65) sobre o ofício do historiador, assim “[...] a ignorância do passado não se limita a prejudicar a compreensão do presente; compromete, no presente, a própria ação”.

Ao apresentar ao leitor o panorama do que será discutido ao longo do trabalho, os autores destacam os objetivos e a hipótese do estudo. Nesse momento, oferecem também uma primeira leitura dos suportes teórico-metodológicos ao problematizarem as discussões acerca das memórias individuais, coletivas e seu papel na construção e no reforço das identidades.

Em *As memórias do futebol nas narrativas esportivas e a formação da identidade nacional*, apresentam dados de como a memória é forjada, relacionando fatos do presente com acontecimentos passados, (re)significando as imagens socialmente compartilhadas que destacam o futebol brasileiro. A vitória na Copa do Mundo de 1970 é tratada como uma conquista virtuosa do futebol nacional, reforçando o caráter do brasileiro. Caráter esse forjado no processo de formação da identidade nacional.

O argumento sustentado é de que a produção dessa identidade relacionada com o futebol não se dá de forma harmônica e sem tensões. A elevação e a manutenção do imaginário da Seleção Brasileira de 1970, como representante do legítimo “futebol-arte”, desconSIDERANDO a preparação científica realizada, é um exemplo de como os processos de silenciamentos são importantes para a construção identitária e de como essas relações de forças são estabelecidas.

Quando analisam a cobertura jornalística de 1970, Salvador e Soares (2009) verificam que é noticiado, à época, o minucioso trabalho de preparação física e técnica do selecionado nacional que se fundamentou nos conhecimentos científicos da área da Educação Física e da Medicina Esportiva. Nesse ponto, observam a aproximação entre as narrativas sobre futebol nacional e os parâmetros

científicos, fruto, dentre outros fatores, do resultado negativo da Copa de 1966. De acordo com os autores, há, nesse momento, a construção de um discurso que legitima notoriedade profissional aos jogadores e à comissão técnica, que, por sua vez, promove uma leitura singular sobre a necessidade do uso do conhecimento científico, avançando para outras interpretações, além da característica inata.

As argumentações apresentadas na obra evidenciam que, de maneira inversa, a partir das derrotas de 1974 e 1978, a imprensa jornalística coloca à prova a ideia de fusão entre o futebol força e o “futebol-arte”, apontando a necessidade de um retorno às raízes do futebol nacional. Nesse momento, o debate sobre a memória e os esquecimentos “forjados” pelos sujeitos é apresentado pelos autores, e as tensões entre os discursos são postas – constituindo a ponte para a compreensão do processo de construção da identidade nacional.

Nesse movimento, comparam as informações veiculadas pelos jornais editados em 1970 com os editados em 1998 e 2002. Para dar a ler as tensões presentes nos discursos, e suas relações de força, Salvador e Soares (2009) coletaram ainda 51 referências sobre o evento de 1970 e entrevistaram Lamartine Pereira da Costa, Mario Jorge Lobo Zagallo, Gérson de Oliveira Nunes e Carlos Alberto Parreira. Quando analisaram o presente, representado pelas matérias veiculadas em 1998 e 2002 que faziam menção ao título de 1970, os autores constataram que as notícias que relacionavam a conquista do tricampeonato com o treinamento ou com a ciência pouco aparecem – diferente do que era noticiado no período que antecede a Copa de 1970, bem como durante e depois do título.

Suscitam, então, a produção de uma narrativa que intencionalmente opera um processo de esquecimento a favor de um discurso que remonta à ideia do “futebol-arte” no qual se provoca a tensão/cisão com a racionalidade científica. No entanto, é preciso ressaltar que esse debate se produz nas relações de força presentes por diferentes atores que ocupam lugares distintos.

Por fim, os autores se dedicam a demonstrar historicamente o envolvimento das Forças Armadas e o desenvolvimento de estudos sobre exercícios físicos e esportes. Esses estudos, como bem

demonstra a obra, foram iniciados anos antes, visando a aprimorar o treinamento de atletas, por exemplo, do pentatlo militar. Nesse momento ganha destaque o diálogo realizado em forma de entrevista com o capitão Lamartine Pereira da Costa que, ao estar dentre aqueles que estudavam novos meios de treinamento, desenvolveu o estudo sobre a atividade desportiva nos climas tropicais, que abordava o *altitude training* – utilizado anos depois na preparação física da Seleção Brasileira que viajou ao México, em 1970.

Sobre o assunto, os autores ressaltam que a entrada dos militares provocou uma valorização do racional, do treinamento, em que a tensão identitária busca se afirmar. Enfatizam que a década de 1970 se transformou numa nova maneira de ver o futebol brasileiro sendo o conhecimento acadêmico valorizado. O estilo nacional de floreios e técnica apurada é considerado superado e excessivamente individualista, consequência do fracasso de 1974.

É importante frisar que a Copa de 1970 é um marco no futebol mundial não apenas pela consolidação do “futebol-arte”. A preparação realizada pelo Brasil, elaborada pelos militares, como demonstraram Salvador e Soares (2009), culminou na cientifização desse esporte. O que percebemos, a partir do texto em análise, é o País do “futebol-arte” promovendo a racionalização do esporte, por meio dos militares, que, no Brasil, detentores do conhecimento científico, permitiram a otimização da participação da Seleção Brasileira no tricampeonato.

Na construção do estudo, alguns dos sujeitos que participaram ativamente da conquista do mundial de 1970 foram entrevistados, com discursos muito particulares. Lamartine Pereira da Costa,² por exemplo, reivindica o lugar da ciência no processo de preparação da Seleção Brasileira, e seu próprio lugar como alguém que contribuiu com os resultados positivos da seleção. Com base na entrevista com Zagallo, observam que ele busca

² No dizer dos autores: “Lamartine reivindica um lugar na memória do futebol brasileiro que se afasta da identidade do futebol nacional. Sua voz possibilita lançar outros olhares sobre a história ou a memória desse feito. Seu lugar na memória coletiva, apesar de ter sido registrada nos periódicos, foi-se apagando no presente” (SALVADOR; SOARES, 2009, p. 91).

reforçar a sua importância na conquista, ressaltando que existe uma secundarização do seu papel como treinador da seleção, devido à saída de Saldanha meses antes da Copa.

Além de Lamartine e Zagallo, participam da realização da pesquisa em destaque o ex-jogador de futebol Gérson, abordado pelos autores como possuidor de uma imagem lembrada de forma conturbada em função da “Lei de Gérson”, deixando transparecer, em sua entrevista, que “[...] reivindica a releitura do passado e, de certa forma, para indicar a forma como deseja ser lembrado no presente” (SALVADOR; SOARES, 2009, p. 109); e Parreira,³ talvez com o discurso mais emblemático, ao enfatizar o trabalho científico realizado. Os pesquisadores fazem com que esses atores revelem suas memórias e seus esquecimentos, mostrando claramente as tensões que são guardadas pela/na história.

Após 39 anos da conquista, Marco Salvador e Antonio Jorge Soares nos fazem perceber um processo de construção identitária permeado por um campo de tensão entre o que deveria ser lembrado e o que deveria ser esquecido. Além do debate sobre a importância da ciência no desenvolvimento do futebol, os sujeitos participantes procuram situar-se como figuras importantes no cenário em questão.

Em nossa leitura, a operação historiográfica realizada pelos autores permitiu, ainda, recorrer a um conjunto de práticas operadas no passado que possibilitam a compreensão do/no presente e, cor-relativamente, do presente pelo passado. Salvador e Soares (2009), assim como Bloch (2001, p. 75), acabam evidenciando em seu estudo que “O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa”.

³ “Parreira, por não ser um ex-jogador de futebol que converteu sua experiência para tornar-se treinador, teve em sua época de quebrar muitas pré-noções e preconceitos por ser oriundo do campo da educação física. Ele e outros membros da Comissão Técnica de 1970 representam a introdução de uma intervenção pautada em dados e conhecimentos científicos no espaço romântico do futebol brasileiro” (SALVADOR; SOARES, 2009, p. 120). Apresenta em sua fala a possibilidade de tomar compatíveis os discursos do “futebol-arte” e a preparação física.

O livro surpreende pela riqueza das fontes e pela maneira como os autores produzem uma inversão na lógica usualmente elaborada no campo da pesquisa, sobre a memória do futebol brasileiro. O que está posto por Salvador e Soares (2009) configura, com base em evidências e novas argumentações, uma releitura da construção identitária do contexto esportivo no Brasil. Por sua dimensão histórica, acadêmica e política, trata-se, enfim, de um livro inquietante, de importância garantida não só para os pesquisadores especializados, mas para todos os interessados em compreender a história do futebol brasileiro e, por que não, a história do Brasil.

1970 Fifa World Cup Memories

Abstract: This is the book review of *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. The aim of this study is analyze the concepts of memory and identity in the construction of national football, focused on the narratives produced by the national press, the newspapers *O Globo* and *Jornal do Brasil*, during the World Cup in 1998 and 2002 related to the conquest of the World Cup 1970, as well as interviews with Lamartine Pereira da Costa, Mario Zagallo, Gerson de Oliveira Nunes and Carlos Alberto Parreira, subjects who experienced winning the third championship.

Keywords: Football. Memory. Identity. World Cup 1970.

La memoria de la Copa del Mundo de 1970

Resúmen: Esta es la reseña del libro *A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Los autores parten de los conceptos de memoria e identidad de la construcción del fútbol nacional, mirando en las narrativas producidas por la prensa nacional, *O Globo* y *Jornal do Brasil*, durante la Copa del Mundo en 1998 y 2002 en relación con la conquista de la Copa del Mundo 1970, así como de entrevistas con Lamartine Pereira da Costa, Mario Zagallo, Gerson de Oliveira Nunes y Carlos Alberto Parreira, los sujetos que experimentaron ganar el tercer campeonato.

Palabras clave: Fútbol. Memoria. Identidad. Copa del Mundo 1970.

REFERÊNCIAS

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício de historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GINZBURG, Carlos. **Relações de força: história, retórica, prova**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves Soares. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2009.

Recebido em: 07.05.2010

Aprovado em: 11.03.2011